

Dívidas interna e externa crescem 18,4%

O Governo Federal aumentou, este ano, sua dívida interna e externa em 18,4%, subindo dos CR\$ 157,8 trilhões de dezembro de 1994 para CR\$ 187 trilhões em maio. A dívida interna foi a que mais cresceu (23%), subindo de CR\$ 95,6 trilhões para CR\$ 117,6 trilhões. O que mais contribuiu para o endividamento interno foi a emissão de títulos públicos, cujo estoque subiu de CR\$ 81,5 trilhões para CR\$ 107,2 trilhões. A dívida externa aumentou de CR\$ 62,2 trilhões para CR\$ 69,3 trilhões (11,4%).

Foi o segundo mês consecutivo de crescimento da dívida desde dezembro de 1992. Naquele mês, a dívida total estava em CR\$ 187 trilhões, divididos quase igualmente entre as dívidas interna (CR\$ 94 trilhões) e a externa (CR\$ 92,9 trilhões). Os dois valores foram sofrendo reduções ao longo deste período. Em janeiro deste ano, a dívida interna voltou a subir, atingindo CR\$ 102,9 bilhões, em consequência da emissão de títulos federais para neutralizar a entrada de dólares na economia. Mas, como estes dólares são computados para abater dívida externa, o endividamento total manteve-se declinante, calculado em CR\$ 158,2 trilhões. A tendência inverteu-se em abril, quando as duas pontas do endividamento mostraram-se crescentes.

Base — A quantidade de dinheiro

disponível na economia medida pela base monetária cresceu 3,5% reais no mês de maio, segundo levantamento do Banco Central. A base monetária é a soma do papel-moeda emitido no mês mais o saldo da conta corrente que os bancos mantêm junto ao BC, denominada reserva bancária. Na média dos saldos diários, a base subiu 49%, registrando os 3,5% acima da variação da URV. Na posição do final do mês, o crescimento foi de 46%.

A entrada de dólares no País (CR\$ 4,9 trilhões líquidos) foi o fator que mais contribuiu para o crescimento do volume de recursos na economia. O Banco Central teve que emitir CR\$ 3 trilhões em títulos federais para retirar este dinheiro de circulação e conter o crédito, evitando um crescimento excessivo no consumo. Outro fator que auxiliou na contenção da base foi a ação do Tesouro Nacional, que depositou mais dinheiro no Banco Central do que sacou, obtendo um saldo de CR\$ 281 bilhões.

As reservas cambiais brasileiras atingiram US\$ 35,082 bilhões em abril deste ano, no conceito de caixa (acumulado pelo Banco Central), o valor mais alto da história do País. No critério de liquidez internacional, as reservas estão em US\$ 38,289 bilhões. Os valores já computaram a saída dos recursos utilizados para compra das garantias exigidas na renegociação da dívida externa.

Jornal de Brasília

até maio